

JACQUELINE HOOFENDY: VIDA E OBRA NARRADA ATRAVÉS DE UM ZINE DIGITAL

JACQUELINE HOOFENDY: LIFE AND WORK NARRATED THROUGH A DIGITAL ZINE

Janaíne Taiane Perini

✉ ORCID

UFSM

janaine.perini@acad.ufsm.br

Mariana Kuhl Cidade

✉ ORCID

UFSM

mariana.cidade@ufsm.br

Ricardo Brisólla Ravanello

✉ ORCID

UFSM

ricardo.ravanello@ufsm.br

Volnei Antônio Matté

✉ ORCID

UFSM

volnei.matte@ufsm.br

PROJÉTICA

DESIGN: EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla; MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl. Jacqueline Hoofendy: vida e obra narrada através de um zine digital. **Projetica**, Londrina, v. 16, n. 3, 2025. DOI: 10.5433/2236-2207.2025.v16.n3.52292. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/52292>.

DOI: 10.5433/2236-2207.2025.v16.n3.52292

Submissão: 2025-02-06

Aceite: 2025-04-09

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

Resumo: Zines, derivados de fanzines, são pequenos livretos artesanais que comunicam interesses de editores ou comunidades. Atualmente, além de versões físicas, há modelos digitais. Assim, este artigo propõe a utilização de zines digitais como um meio de divulgação da produção de fotógrafas brasileiras. Por meio da pesquisa bibliográfica, investigação documental e entrevista semiestruturada, buscou-se compreender a capacidade múltipla de expressão do zine enquanto projeto gráfico, sendo um material que abdica de regras formais para sua elaboração e é permissivo para/com a experimentação. Por um período substancial, estas publicações receberam conotação de expressão dissidente, paralelo que ecoa com o que foi narrado sobre a trajetórias de mulheres na fotografia. Deste modo, unindo paralelos históricos e políticos, este trabalho apresenta como resultado o zine digital sobre a vida e obra da artista visual e fotógrafa Jacqueline Hoofendy, com obras que marcaram sua carreira e momentos de vida que se inscrevem em sua produção artística. Ainda, comprehende-se este tipo de publicação editorial como um suporte qualificado para apresentar a jornada e produção de diferentes artistas, ainda mais no âmbito digital, onde a possibilidade de compartilhamento é inesgotável.

Palavras-chave: zine; fotografia; autorretrato.

Abstract: *The article examines digital zines as a platform for promoting Brazilian women photographers, highlighting their role in showcasing artists' lives and work. Through bibliographical and documentary research and a semi-structured interview, it explores the zine's expressive potential and Jacqueline Hoofendy's artistic trajectory. Her life history and photography series are featured in a digital zine as the research outcome. This format proves to be an effective medium for disseminating artistic production, especially in the digital space, where distribution possibilities are virtually limitless.*

Keywords: *zine; photography; self-portrait.*

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

INTRODUÇÃO

Zines são pequenos livros produzidos de maneira independente, com um longo histórico de inserção em culturas dissidentes desde a década de 1930. São materiais voltados para a partilha de ideias e ideais, que transpõe as intenções de seus criadores e criadoras por meio tanto da narrativa quanto da estética, geralmente radical e/ou revolucionária. Neste contexto, pode-se pensar que a historiografia da arte, e em especial da fotografia, apresenta uma narrativa semelhante quanto a dissidência, em que a vivência de mulheres fotógrafas é ainda tratada como subversiva. Estes traços foram indícios para associar a possibilidade do zine enquanto suporte de narrativas não hegemônicas, e, pensando ainda no alcance e possibilidade de produção, na contemporaneidade, o zine digital apresenta-se como uma melhor alternativa.

No intuito de olhar para a produção de mulheres autorretratistas no Brasil, foi selecionada a artista visual e fotógrafa Jacqueline Hoofendy, em função do destaque de seus trabalhos pela crítica na última década. Ainda que no campo artístico Jacqueline obtenha notório reconhecimento, academicamente há uma escassez de fontes que referenciem sua produção artística. Portanto, fez-se necessária uma entrevista semiestruturada para coletar informações com maior substância, o que compõe a narrativa do zine digital. Esta entrevista e o zine resultante são parte do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em **Desenho Industrial** na **Universidade Federal de Santa Maria**.

O desenvolvimento gráfico seguiu processos criativos convencionais do campo do design, o qual inicia-se pela investigação preliminar, a fim de conhecer o cenário de produção dos zines e estabelecer referências pertinentes ao projeto. Em seguida, elaborou-se um painel semântico, reunindo imagens de projetos editoriais, capas e elementos que capturassem o tom desejados para o projeto atrelado a narrativa de vida e obra de Jacqueline Hoofendy. A partir destas informações, foram geradas alternativas, produzindo diversos rascunhos e espelhos de páginas que exploravam

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

diferentes layouts e estilos visuais. As alternativas que melhor correspondiam as necessidades do projeto passaram pelo processo de refinamento, tornando o trabalho mais coeso, resultando assim no zine digital apresentado neste artigo.

Deste modo, o objetivo do artigo é traçar um panorâma abrangente sobre o universo dos zines, conectando a história com a produção contemporânea a partir de algumas categorias da taxonomia proposta por Stephen Duncombe (2008). Para isso, além da contextualização histórica, a vida e obra de Jacqueline Hoofendy apresenta-se como material que compõe a narrativa do zine digital, a fim de utilizar e pensar na possibilidade deste tipo de material para auxiliar a disseminação da vida e obra de mulheres artistas e da pesquisa acadêmica em um formato e linguagem palatáveis ao público externo.

ZINES: HISTÓRIA E SUBVERSÃO

A primeira forma de denominar zines surgiu na década de 30, nos Estados Unidos (Magalhães, 1993) como *fanzine*, palavra que unia outros dois termos do inglês: *fanatic* e *magazine*. Estes materiais, em suma, eram elaborados e publicados por fãs de ficção científica, com opiniões e informações que não eram veiculadas pelos principais meios de comunicação (Cela, 2021). No decorrer dos anos seguintes, outras comunidades passaram a adotar esse formato de publicação autônoma, visando partilhar e discutir perspectivas relacionadas aos seus campos de interesse específicos (Cela, 2021).

A partir da década de 1960, como um contraponto ao paradigma racionalista estabelecido pela Bauhaus, surgiram outras perspectivas para o design no ambiente pós-moderno (Cauduro, 2024). Oliveira e Santos (2007) apontam que este momento impulsiona práticas improvisacionais e experimentais, baseadas na utilização de símbolos e do humor. Além do mais, o movimento *punk* destacava-se na Europa, caracterizado como contracultura e parte de um movimento *underground*,

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

convergindo com ideias e influências emergentes, tanto da esfera social quanto da esfera do design, o que contribuiu para a reconfiguração das abordagens estéticas contemporâneas, sendo possibilitada a estas a ausência de compromisso estético e maior autonomia de expressão, mais desimpedida – ideia em confluência com Cela (2021), o qual define zines como um “laboratório portátil”, que se propõem a pensar e questionar o “mundo e sobre si”, criando materiais de forma democrática e acessível.

Tão logo os zines se tornaram mídia central dos movimentos de contracultura, em que a conjuntura política de questionamento ao *status quo* era o cerne do conteúdo destes materiais produzidos de forma autônoma (Magalhães, 1993; Pinheiro, 2019). No contexto brasileiro, Oliveira (2006) corrobora com a compreensão da origem deste tipo de material no movimento punk e aponta os zines *Factor Zero* (figura 1) e *Exterminação* como os mais antigos do país, ambos publicados no ano de 1981.

Figura 1 – Composição de páginas da edição 0 de Factor Zero



Fonte: Adaptado de Factor Zero (2025).

Duncombe (2008) propõe que, para melhor compreender o que é um zine, inúmeros exemplares sejam apresentados ao indivíduo, assim seria possível compreender espontaneamente a complexidade e multiplicidade do material, visto que, como coloca Cela (2021), os zines tem capacidade transmitir conteúdos plurais, abordando temas que vão desde questões políticas e filosóficas até a expressão de interesses pessoais e individuais. Em função da experimentação e unicidade deste modelo de publicação, os “zineiros” elaboram de forma autônoma suas próprias manifestações culturais, sendo um meio de expressão de desejos, pontos de vista

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

e conceitos dissidentes, havendo também um ambiente de difusão e partilha de ideias contrastantes com as apresentadas pela cultura dominante (Coutinho; Necyk, 2022; Pinheiro, 2019).

Cela (2021) ainda destaca os processos empíricos e manuais dentro da cultura dos zines, que contrastam também com a cultura de produtividade e aceleração possibilitada pelos *softwares* de edição e criação de imagens – que operam também como facilitadores, bem como as redes sociais que possibilitam outro nível de compartilhamento dos materiais, diferente do que por vezes ocorre no “mundo *offline*”, visto o custo e a complexidade de distribuição de materiais impressos. Por esta via, autores como John Downing (2001) compreendem o zine como uma “mídia radical”, em razão da pequena escala produtiva e pela comunicação de ideias contrahegemônicas. Duncombe (2008), reforça que zineiros – aqueles que confeccionam zines – costumam ser contra a sociedade baseada no consumo, intensificando os ideais de “*do it yourself*” (faça você mesmo, em tradução livre do inglês), quanto aos materiais e a própria cultura, sendo esta ideia um dos atributos fundamentais da origem do zine, muito aliado a criação independente e de baixo custo a qual nos meios que tangem a música “emergente”, assim sendo, a partir desta característica temos materiais, tecnologias e competências acessíveis de forma “universalizada” (Daniels, 2014).

Realizar uma classificação ou categorização dos zines não é uma tarefa fácil devido a multiplicidade deste tipo de material, entretanto Stephen Duncombe (2008) no livro “*Notes from Underground: Zines and the politics of alternative culture*” apresenta uma taxonomia de modo ordenar as variedades de zine mais difundidas. A mais antiga delas é a que vem sendo apresentada até então: os fanzines de discussão das nuances e complexidades de determinado grupo ou indivíduo. Outras categorias apresentadas pelo autor, são: zines pessoais, zines sobre cena, zines de network, zines sobre cultura marginal, zines de política com p minúsculo (que apresentam conteúdos críticos relacionados a política e cultura) e com P maiúsculo (relacionados a ideologias ou movimentos políticos específicos, como

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

o socialismo, anarquismo, liberalismo ou ainda feminismo e movimento queer), zines religiosos, zines vocacionais, zines sobre arte, zines sobre saúde, zines sobre sexo, zines de viagem, zines de quadrinhos, zines literários e o restante, que não classificados especificamente.

Em especial, os zines sobre arte contém desde desenho a fotografias, colagens e outras mídias que conectam diferentes artistas, e, a partir disso, cria-se uma espécie de galeria “flutuante” dentro da comunidade (Duncombe, 2008). Um bom exemplo desta multiplicidade é o zine “*Café Espacial*” (figura 2), o qual aborda além de histórias em quadrinho, literatura, fotografia e outras artes. Este é um zine premiado nacional e internacionalmente, sendo também finalista do Prêmio de Quadrinhos Alternativos de 2016 (Casarin, 2016).

Figura 2 – Composição de capas e páginas do zine *Café Espacial*



Fonte: Adaptado de *Café Espacial* (Chaves et al., 2025).

Ademais, há outros zines sobre arte que possuem foco apenas em ilustrações, como é o caso “*Índigo*” e “*Último*” (figura 3), ambos produzidos pela artista Shosh (assinatura de Suzana Maria), que apesar de terem sido produzidos de forma física em pequena tiragem, estão disponíveis digitalmente.

*PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl*

Figura 3 – Composição de páginas dos zines Índigo e Último



Fonte: Adaptado de Suzana Maria (2014a, 2014b).

Além disso, há alguns zines com temáticas que se entrelaçam entre as categorias aqui destacadas, como zines de artistas feministas, à exemplo o zine digital produzido pelo Coletivo Girl Gang (figura 4), o qual reúne 24 artistas que trabalham com quadrinhos e outras artes. O que acontece nestes casos é uma potencialização do discurso artístico aliado ao discurso político, fazendo uso do zine enquanto mídia radical, reconhecendo este lugar histórico em que foi gestado e perpetuando-o em função de sua facilidade de produção e distribuição.

Figura 4 – Composição de páginas de Coletivo Girl Gang



Fonte: Adaptado de Coletivo Girl Gang (2015).

Com o advento da era digital, tanto a produção quanto a divulgação e até mesmo comercialização de zines passou a operar também neste espaço, deste modo surgiram comunidades online como a “We Make Zines” e a “Zine Wiki” (Weida,

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

2013), para além das diversas plataformas de publicação digital, como a *Issuu* e a *FlipHTML5* que permitem através da criação de um usuário a publicação online de modo independente e, em determinadas condições, sem custo. Michelle Alcântara Camargo (2011) aponta que desde o início do século XXI, os zines passaram a ser utilizados como um meio para complementar a comunicação em shows e festivais, aproximando o contato entre o zine de papel e outros materiais virtuais como publicações em blogs e contatos através do email (Camargo, 2011).

Assim, os zines conquistaram ainda mais espaço, conectando indivíduos àqueles assuntos negligenciados ou não explorados pela mídia tradicional, geralmente retratados pelos zineiros em seus materiais. Gabriela Ribeiro César (2018) elabora sobre a presença do zine em espaços públicos e privados, o que também podemos articular certo paralelo com a presença no espaço físico e digital. Ainda, segundo César (2018, p. 35), “[...] as zines são feitas para compartilhamento, estabelecendo-se como materiais que estão ao mesmo tempo nas esferas privada (compartilhamento das subjectividades) e pública (publicações vendidas ou trocadas entre pares)”.

Ainda em função da aceleração do mundo digital e a cadência dos blogs, Andrea Galaxina organizou um site, que funciona também como arquivo digital, com zines de conteúdos variados, alguns disponíveis apenas em papel e outros digitais, este material é parte de algo anterior a *Bombas para Desayunar*, uma micro-editora espanhola organizada por Andrea em 2009. Entre os materiais disponíveis, estão 4 edições do Femizine, este que buscava abrir espaço ao trabalho de diferentes artistas implicadas com o feminismo, gerando assim conteúdo e espaço para a reflexão. A quarta edição (figura 5) contém reflexões sobre a cena feminista através do zine, entrevistas e ilustrações.

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

Figura 5 – Composição de páginas de Femizine #4



Fonte: Adaptado de FEMINIZINE #4 (Galaxina, 2025).

Os zines tem encontrado espaço no meio acadêmico como resultados de projetos de trabalhos de conclusão de curso, como é o caso do zine “*Naive*” (figura 6) elaborado por Isis Reis. A autora busca construir de forma colaborativa um zine feminista, atrelado a sua monografia na qual refere-se a tópicos em torno da teoria do design e objeto de trabalho, fazendo uso do design colaborativo na coleta de material e construção da zine. Segundo a autora:

Esse projeto convida todas as mulheres a abraçarem seu lado “amador” (mesmo aquelas que sejam profissionais), a procurar e experimentar meios para se expressar, falar sobre suas vivências, trocar experiências com outras mulheres, exercer a empatia, dividir e curar suas dores através desses processos catárticos, aprender a amar outras mulheres e a fortalecer a si e a outras (Reis, 2017).

Figura 6 – Naive Zine



Fonte: Adaptado de Isis Reis (2017).

Do surgimento a utilização contemporânea do zine, é possível entendê-lo como um material provocador, ocupando-se de uma função crítica desde a escolha do conteúdo – atravessada por um envolvimento do criador com a temática – até a

*PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl*

seleção dos componentes visuais e da estrutura gráfica que implicará na leitura e envolvimento do leitor e/ou consumidor de cada zine publicado (Piepmeyer, 2009). Enquanto gênero editorial, se demonstra ainda potente como espaço para a discussão (*online* e *offline*) no qual os materiais produzidos ainda hoje buscam quebrar a hegemonia das mídias tradicionais, sendo também capazes de criar espaços coletivos de contracultura, que criam, compartilham e fortalecem seus interesses políticos e sociais. A utilização desta mídia para narrar produções, histórias e interesses de mulheres artistas e fotógrafas é um encontro de dissidências, visto que tanto o zine como a produção de mulheres na historiografia da arte se coloca como subversiva e um contraponto para a hegemonia, dado que apenas a partir da década de 70, com os questionamentos de Linda Nochlin (1971) trouxeram à tona as discussões de gênero ao reivindicar uma revisão e reescrita da história da arte.

JACQUELINE HOOFENDY: VIDA E OBRA NARRADA

Jacqueline Hoofendy é artista visual, fotógrafa e autorretratista, nascida no estado do Rio de Janeiro e criada em Minas Gerais. Em entrevista voluntária, na noite de 11 de janeiro de 2023, relata seu percurso que, desde a infância, envolvia teatro, dança e várias outras artes (Perini, 2023a). Devido a escases de fontes consistentes e aprofundadas para compor a narrativa deste trabalho, a escrita do tópico atual e a escrita produzida para o zine são baseadas na entrevista em apêndice do trabalho desenvolvido por Perini (2023a) e em outros encontros com a artista através de cursos online.

Na intenção de tornar-se coreógrafa, a artista iniciou sua formação artística no balé, e, aos treze anos, foi presenteada pelo pai com uma câmera fotográfica, a qual passou a acompanhá-la durante a adolescência. De forma gradativa, a artista transicionou seus estudos de dança e fotografia de palco para o autorretrato, no qual utilizando-se dos movimentos do corpo e da performance fotografa-se – em grande parte, sem imprimir seu rosto, utilizando a ausência da face e o corpo nú

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

como um recurso narrativo para a imagem, ampliando o discurso e a projeção do(a) observador(a) e possibilitando variadas interpretações. Ao longo de sua carreira, Jacqueline trabalhou em diversos ateliês renomados, como o de Walter Firmino — local no qual atuou por 4 anos em diferentes funções, como assistente, coordenadora e professora — e o de Zeka Araújo, o qual foi crucial para Jacqueline formar seu olhar fotográfico. Ambas as relações de trabalho se tornaram também relações afetivas, de amizade e familiaridade no trabalho e nos interesses pela fotografia.

Entretanto, somente após escolher afastar-se do trabalho em ateliês e fundar o seu próprio, na região central da capital carioca, que, em meados de 2016, Jacqueline inicia sua primeira série de autorretratos, intitulada “*outras arrebentações*” (Figura 7). Foi esta a que lançou a artista no mercado fotográfico, utilizando-se da técnica longa exposição — uma das estéticas centrais em seu trabalho e que viabiliza a concepção de imagens com “movimento”, unindo assim seu passado-presente com a dança, o teatro e a performance à imagem fotográfica. A série foi concebida a partir dos questionamentos em torno dessa nova vida de artista autônoma, sobre o que se faz quando está sem um trabalho fixo e como será o desenrolar dessa jornada. Através de uma antiga memória, Jacqueline inicia a série fazendo uso de jornais, rememorando a sessão de classificados, espaço no qual costumava-se procurar por empregos. Ao longo de 6 a 7 meses de produção, se questionou: “onde o mar da minha história vai dar?” e a resposta tornou-se o que nomeia esta série de imagens.

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

Figura 7 – Fragmentos da série “outras arrebentações”, autorretrato e autometáfora



Fonte: Perini (2023a, p. 68-69). Adaptado de Jacqueline Hoofendy (2016-2017).

É nesta relação íntima com a vida em sua multiplicidade e sutileza que Jacqueline busca inspiração e referência para seus trabalhos, seja em outras formas de arte – como a música, literatura ou pintura – ou em metáforas e conceitos provenientes de seus estudos nas artes visuais e na estética. A artista relata possuir diversos cadernos em que registra as mais variadas ideias, entre eles há um para colecionar conceitos que possam a vir amparar a narrativa de alguma ideia gerada para a produção de autorretratos, autodenominando-se assim uma “colecionadora de conceitos”. Cabe ainda destacar que as técnicas e recursos utilizados por Jacqueline Hoofendy são traço crucial de seu trabalho: a longa exposição, a estética suja (associada a referências do teatro pobre de Grotowski), a luz natural, filtros elaborados por ela mesma. Estes e outros pontos são o que formam seu discurso fotográfico em que a imprecisão é apreciada e torna-se parte da composição de modo intencional. Quando realiza as fotografias, está

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

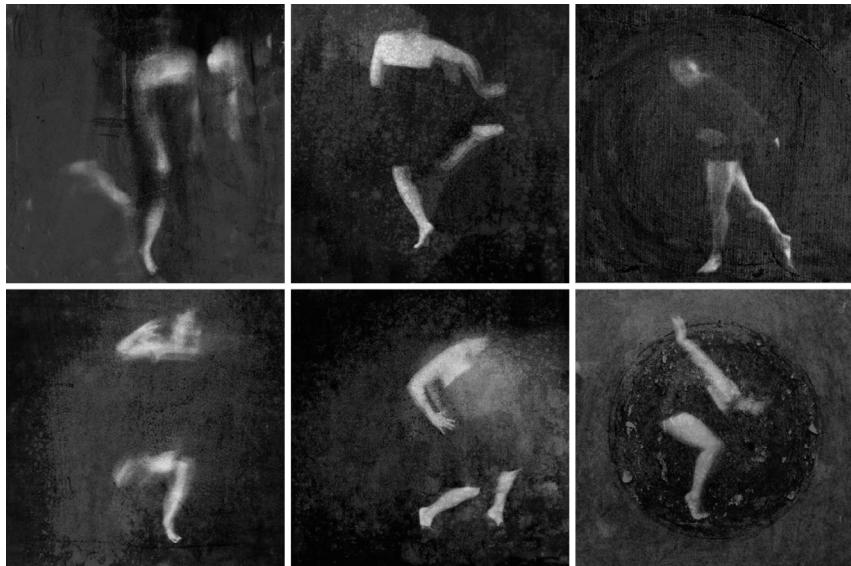
acompanhada de um espelho que funciona como “diretor de cena”, o que lhe permite posicionar-se e disparar o obturador na câmera previamente ajustada de forma óptica e no formato de saída JPEG, visto que não costuma fazer uso de grandes efeitos de pós-produção digital¹.

“Carvão”(figura 8) é uma série exemplo destes recursos criativos, em que a inspiração central é um álbum musical – o qual a artista não revelou o nome. Em busca de um “DNA” para a produção dos autorretratos baseados na escuta que a arrebatou, Jacqueline escolheu a fotografia híbrida e expandida, técnicas que permitem um misto de recursos e materiais que intervêm posteriormente a imagem. Foram 3 anos de produção, em que, ao som deste disco misterioso a artista dançou banhada pela luz de uma ou duas velas ao decorrer da madrugada, fotografando-se durante o processo. Para além das fotografias, há um grande acervo materiais periféricos produzidos ao decorrer do processo criativo e imersivo - são textos, anotações, artefatos e painéis de pesquisa desenvolvidos durante a produção desta “série texturizada”, como denomina Jacqueline, e, juntamente de um livro, irão compor a expografia, ponto que culmina o fim da produção para “carvão”.

1. Informação verbal fornecida por Jacqueline Hoofendy. Masterclass “Autorretrato: processos autorais, uma masterclass Dialógica” realizada no Espaço f/508 de Cultura em 20 de janeiro de 2023.

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

Figura 8 – Fragmentos da série “carvão”, autorretrato, fotografia híbrida



Fonte: Perini (2023a, p. 73). Adaptado de Jacqueline Hoofendy (2017-2018).

A produção de “cartografia do corpo recluso” (figura 9), que anteriormente foi denominada como “cartografia híbrida sobre o isolamento”, ganha contorno por meio da coleção de conceitos da artista. É uma série produzida durante a pandemia de COVID-19 (2020-2023), a fim de expressar as sutilezas percebidas na relação com o corpo e espaço vivido em isolamento, que rememorou Jacqueline à cartografia – conceito estudado anteriormente por quase 3 anos, em que a teoria a interessava para elaborar “práticas corporais sobre a caminhada sensível”. O impacto na sensibilidade auditiva, percepção do tempo e relação entre corpo-casa e casa-corpo a levaram a fotografia híbrida, em que, Jacqueline intervém no corpo autorretratado elementos típicos da cartografia, como setas, angulações e desenhos topográficos, por vezes há também cortes e rupturas, ângulos retos, obtusos, que transbordam na imagem os tormentos e embates deste período em que corpo e casa encontraram-se em um mesmo mapa. Esta série, ainda em produção, também se tornará um livro artesanal, com uma seleção de papéis

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

que rememorem a casa em Santa Catarina onde a artista produziu esta série de imagens em uma morada “[...] cheia de textura, cheia de rachaduras” (Perini, 2023a, p. 107).

Figura 9 – Fragmentos da série “*cartografia do corpo recluso*”



Fonte: Perini (2023a, p. 75). Adaptado de Jacqueline Hoofendy (2021).

Jacqueline Hoofendy faz uso dos conhecimentos adquiridos nas experiências de ateliês anteriores para impulsionar o seu próprio espaço, abrindo caminhos com olhos atentos para àquelas que encontra em seus espaços de ensino e produção artística, dirigindo e sendo também parte de dois coletivos: o “Cinco ELAS ColetivA” e o “Seis do Cerrado”, em vistas da elaboração de obras que tensionam questões da realidade social e política do Brasil. A artista integrou o júri da XXXIII Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Preto e Branco, realizada em 2024, realizada pela Confederação Brasileira de Fotografia (CONFOTO) e organizada pelo Candango Fotoclube, além de participar como artista convidada na primeira e segunda edição do Congresso Internacional de Fotografia Artística, realizadas em São Paulo em 2018 e 2019 (International Association of Art Photographers, 2025). Também compõe a equipe do Paraty em Foco desde 2016, em diferentes frentes (PEF, 2024). E uma das fotógrafas presentes na 11ª edição da Revista Carcará (Cirenza, 2017) e no livro “Fotógrafas Brasileiras Imagem Substantiva” (Dines, 2021) enquanto parte do Movimento Fotógrafas Brasileiras, além de participar de outros festivais nacionais e internacionais. É nessa mescla de questões íntimas e coletivas, subjetivas e materiais, que a artista compõe seu trabalho, utilizando do próprio corpo nas diferentes técnicas fotográficas para criar contornos em suas obras para aquilo que se impõe enquanto vida.

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO GRÁFICO PARA ZINES DIGITAIS

A fim de subsidiar maior amplitude de leitores sem custos, a escolha foi por realizar uma publicação no formato digital, através da plataforma *FlipHTML5* — gratuita e interativa para hospedar publicações digitais, além de emular a experiência de folhear páginas físicas e não impor restrições em relação à extensão ou dimensão dos arquivos, algo que outras plataformas não permitem. Ainda assim, o zine possui dimensões viáveis e pensadas para a impressão a criação de um produto físico.

A partir de processos criativos já consolidados no campo do design, o projeto foi iniciado a partir de uma busca por zines e projetos editoriais, de modo a aproximar-se do cenário e entender a produção desta mídia. As referências mais pertinentes e adequadas ao que se desejava para o projeto foram selecionadas, de modo a formar um painel semântico (figura 10), visando guiar o desenvolvimento criativo.

Figura 10 – Painel semântico



Fonte: Adaptado de Perini (2023a, p. 82).

*PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl*

A partir deste painel, elaborou-se rascunhos físicos e digitais de espelhos e de páginas (figura 11), explorando possibilidades de diferentes *layouts* e linguagens. Posteriormente, as alternativas que formavam destaque e coesão foram selecionadas para o processo de refinamento e assim aperfeiçoadas em *software* específico para elaboração de projetos editoriais.

Figura 11 – Rascunhos digitais



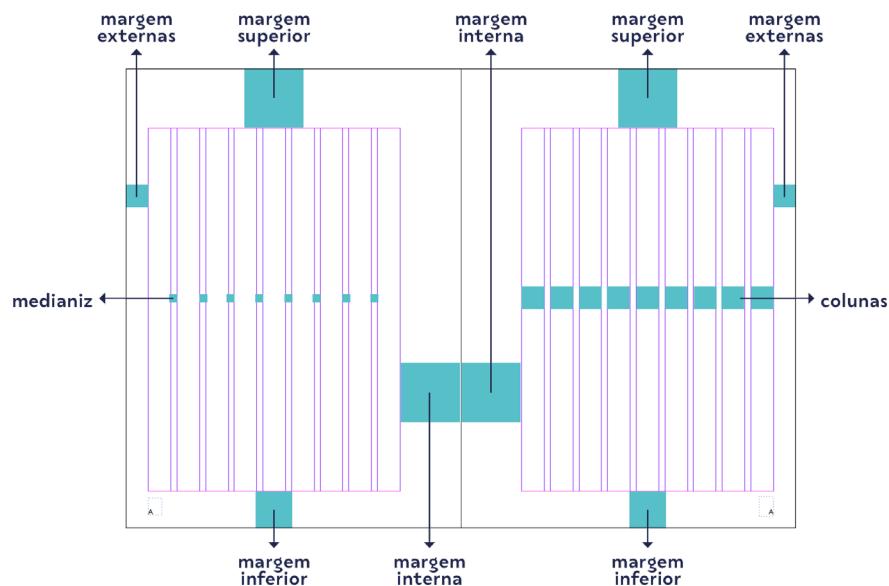
Fonte: Adaptado de Perini (2023a, p. 83).

Em concomitância, foram realizados testes e definições quanto a paleta de cores e o uso de fontes, ambas baseadas no trabalho de designers brasileiras que dialogam com a potência e variabilidade das narrativas inseridas nos trabalhos de Jacqueline Hoofendy. As cores vibrantes e potentes utilizadas por Letícia Quintilhano em seus trabalhos como *book designer* foram inspiração para a combinação cromática do zine. A fonte principal do projeto é a Seiva, com 6 pesos, 6 estilos e tecnologia *Variable Font*, elaborada por uma equipe de designers brasileiros, liderada por Ana Laydner. Seiva é uma fonte licenciada pelo estúdio tipográfico Fabio Haag Type e adquirida para a elaboração deste projeto. Como fonte secundária, a ser utilizada como corpo de texto e em legendas, optou-se por Jost, em função da combinação leve e maleável, devido a ausência de serifa e variabilidade de peso.

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

O processo de refinamento das páginas e escolha de fontes resultou na criação do grid (figura 12), com dimensões de margens internas e superiores no valor de 25mm, as inferiores com 5,5mm e as margens externas 10mm. Cada página possui 9 colunas, com medianiz de 2,5 e são divididas em módulos de 5,6 x 5,6mm. Foi definida como entrelinha a medida de 13,2pt, sendo todos estes parâmetros utilizados como base para o desenvolvimento do projeto gráfico.

Figura 12 – Grid e entrelinha



Fonte: Adaptado de Perini (2023a, p. 83).

Pensando na possibilidade de criar mais zines para além deste, com a história de vida e obra de outras fotografias, foi criado um padrão a ser utilizado em capas e folhas de rosto, bem como ao final para apresentação da bibliografia utilizada (figura 13).

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

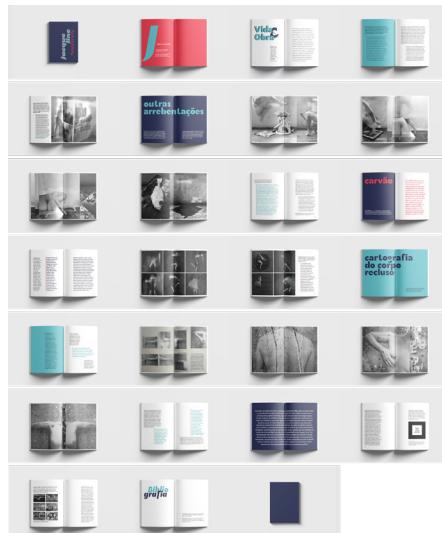
Figura 13 – Capa, folhas de rosto e páginas finais



Fonte: Adaptado de Perini (2023a, p. 86).

Quanto ao miolo, foi composto por trechos de entrevista e imagens dos processos e obras produzidas por Jacqueline, propositalmente recheado de citações de modo que passe a impressão de que a própria artista está a narrar sua vida e obra. As imagens preenchem as páginas, a fim de serem um momento de contemplação para o observador em meio a leitura. Com total de 52 páginas, o zine digital em sua completude (figura 14) está disponível para acesso público na plataforma *FlipHTML5* (Perini, 2023b).

Figura 14 – Mockup digital do zine sobre Jacqueline Hoofendy



Fonte: Autores (2025).

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção afastada do cerceamento da grande mídia, aliada a liberdade de variação estética, possibilita comunicar por diferentes meios, diferentes ideias. Isto, associado a autonomia de produção, incumbe ao próprio zineiro selecionar e decidir os materiais e conteúdos cabíveis em cada edição organizada. Este arranjo de possibilidades proporciona a criação de publicações com afeto, promovendo tanto aos produtores quanto aos leitores uma relação íntima, em que a assimilação de temas como gênero, política e arte possam ser incorporadas por outras e novas formas.

Desta forma, o zine se demonstra como um artifício notório de linguagem e discurso artístico, bem como um suporte viável para narrar histórias ainda não demarcadas pelo *"mainstream"*. Esta questão proveniente da gênese do zines no movimento *underground* coincide em como as mulheres foram apresentadas na história da arte e da fotografia, o que denota a relevância de pesquisas que documentem a experiência de vida e trabalho de mulheres fotógrafas e de seus atravessamentos históricos, sociais e políticos, para que possam seguir operando o papel de representação que a arte se propõe em realizar. Ademais, comprehende-se que os zines podem operar como pontes entre o conteúdo produzido na academia e o público externo, em função de seus formatos e linguagens e, portanto, auxiliando na disseminação de diferentes conhecimentos.

Apesar da produção de Jacqueline Hoofendy ser aclamada pela crítica artística, além de uma profissional e educadora relevante no cenário da fotografia brasileira, até então não há estudos publicados que demarquem sua experiência. Nas palavras de Roque e Pinto (2012, p. 199) “[...] o que não for narrado, e depois escrito não existe academicamente”. Deste modo o presente artigo coloca-se a inscrever esta arte também “nos muros da academia” ao debruçar-se sobre os materiais encontrados, entrevistar a artista e produzir uma outra mídia para acessar a narrativa de sua vida e obra, na tentativa de preencher lacunas que se alastram desde os primórdios da história da arte sobre a produção de mulheres artistas.

*PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl*

Ainda, ao desenvolver o projeto gráfico, as escolhas intencionais de referências pelo trabalho elaborado e/ou liderado por mulheres no campo do design foi intencional. Assim, há maneiras de construir um fio condutor ético-político nesta narrativa que fomenta o acesso a produção artística e a circulação de conteúdos e informações sobre o trabalho das mulheres, abrindo caminho para outras novos modelos, perspectivas e/ou referências para além do sistema hegemônico.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

CIRENZA, C. (ed.). *Carcara photo art 11*. Palo Alto: *Issuu*, 2017. Disponível em: https://issuu.com/carcaraphotoart/docs/carcara_11_digital_alta. Acesso em: 30 mar. 2025.

COLETIVO GIRL GANG. *Zine 1*. Palo Alto: *Issuu*, 2015. Disponível em: https://issuu.com/girlgangcoletivo/docs/girl_gang_coletivo_-_zine_1.docx. Acesso em: 18 jan. 2025.

COUTINHO, A. S.; NECYK, B. A pedagogia crítica freireana como estratégia pedagógica nas ações extensionistas em design. *Projetica*, Londrina, v. 13, n. 3, p. 135-152, dez. 2022. DOI:

<https://doi.org/10.5433/2236-2207.2022v13n3p1305>.

DANIELS, R. J. *DIY (do. it. yourself)*. Chichester: Bootworks Theatre, 2014.

DINES, Y. S. *Fotógrafas brasileiras: imagem substantiva*. São Paulo: Grifo, 2021.

DOWNING, J. *Radical media: rebellious communication and social movements*. Thousand Oaks: Sage Publications Inc., 2001.

DUNCOMBE, S. *Notes from underground: zines and the politics of alternative culture*. 2. ed. Portland: Microcosm Publishing, 2008.

FACTOR ZERO. Sobre: O que é isso?. *Factor Zero*, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://factorzeroblog.wordpress.com/sobre>. Acesso em: 6 jan. 2025.

FLIPHTML5. *Zine Jacqueline Hoofendy*. Disponível em: <https://online.fliphtml5.com/kvczi/wcru/#p=1>. Acesso em: 09 mai. 2025.

GALAXINA, Andrea. Femizine #4. *Bombas Para desayunar*, Madrid, [2025]. Disponível em: <http://bombasparadesayunar.com>. Acesso em: 6 jan. 2025.

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ART PHOTOGRAPHERS. Juri bienal PB. São Paulo: Confederação Brasileira de Fotografia, 2025. Disponível em: <https://theiaap.com/e/bienalpb/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

MAGALHÃES, H. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARIA, S. *Índigo*. Palo Alto: *Issuu*, 2014a. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20230226173731/https://issuu.com/suzanamaria/docs/indigofinal>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MARIA, S. *Último*. Palo Alto: *Issuu*, 2014b. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20230303212607/https://issuu.com/suzanamaria/docs/zine>. Acesso em: 10 jan. 2025.

NOCHLIN, L. Why have there been no great women artists?. New York: *Artnews*, 1971.

OLIVEIRA, A. C. *Os fanzines contam uma história sobre punks*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

OLIVEIRA, J. C.; SANTOS, T. I. Sob o sol, a garoa e a fumaça: o experimentalismo e a desconstrução na prática tipográfica. In: COLE – CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. *Anais* [...]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. p. 1-11. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem14/pdf/sm14ss02_08.pdf. Acesso em: 28 mar. 2025.

PEF – PARATY EM FOCO. Convidados Paraty em foco 2024. In: PARATY EM FOCO – FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA, 20., 2024. Paraty: Galeria Zoom, 2024. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20240724202638/https://www.pefparatyemfoco.com.br/convidados-jacqueline-hoofendy>. Acesso em: 28 mar. 2025.

PERINI, J. T. *Gênero e autorretrato: o desenvolvimento de um zine digital para difundir a produção de fotógrafas brasileiras*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Desenho Industrial) – Centro de Artes e Letras,

PERINI, Janaíne Taiane; RAVANELLO, Ricardo Brisólla
MATTÉ, Volnei Antônio; CIDADE, Mariana Kuhl

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023a. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/32686>. Acesso em: 28 mar. 2025.

PERINI, J. T. *Zine Jacqueline Hoofendy*. [Santa Maria: s. n.], 2023b. 52 f. Zine elaborado como parte do projeto prático do trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: <https://online.fliphtml5.com/kvczi/wcru/#p=1>. Acesso em: 24 jan. 2025.

PIEPMEIER, A. Girl zines: making media, doing feminism. New York: New York University Press, 2009.

PINHEIRO, R. L. *Design editorial como narrativa para representatividade feminina no contexto da tatuagem*. 2019. 107 f. Monografia (Graduação em Design) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/46554>. Acesso em: 5 jul. 2024.

REIS, I. *Naive zine*. New York: Behance, 2017. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/51945143/Naive-zine>. Acesso em: 5 jul. 2024.

ROQUE, D. B.; PINTO, P. E. M. Do singular ao plural: identidade, memória e poética no fazer artístico dos mestres da fotopintura cearense (Telma Saraiva e Julio Santos). In: CONGRESSO INTERNACIONAL CRIADORES SOBRE OUTRAS OBRAS, 3., 2012, Lisboa. *Atas [...]*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012. p. 194-199.

WEIDA, C. L. Feminist zines: (pre) occupations of gender, politics, and DIY in a digital age. *Journal of Social Theory in Art Education*, Glendale, v. 33, n. 1, p. 67-85, 2013. Disponível em: <https://scholarscompass.vcu.edu/jstae/vol33/iss1/7/>. Acesso em: 5 jul. 2024.